

## ARTES VISUAIS

Artistas reagem contra à decisão da Fundação Municipal de Cultura de restaurar suas obras que estão em escolas da rede pública. Maioria prefere que os R\$ 250 mil tenham outros fins

# Polêmica envolve painéis

EULER JUNIOR/21/10/2003

GRACIE SANTOS

A decisão da Fundação Municipal de Cultura, anunciada no dia 18 por Rodrigo Barroso, de restaurar os painéis de grande porte (5,30m x 1,80m) criados em 1976 por pintores mineiros contemporâneos e abandonados em escolas públicas está gerando polêmica. Artistas cujas obras pertencem ao acervo, como Eduardo de Paula, Sara Ávila e Jarbas Juarez, são contrários ao restauro. Argumentam que o custo é alto (o orçamento total aprovado é de R\$ 250 mil) e não há como reconstituí-los, diante do estado em que as pinturas estão. A maioria foi vítima de vandalismo ou do desgaste natural do tempo.

Mas o restaurador e conservador Mário Sousa Júnior, do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Cecor), da Escola de Belas Artes da UFMG, nega a impossibilidade de restauro e se diz surpreso com a posição dos autores: "Os painéis têm condições de ser restaurados. A opinião contrária nos espanta, até porque a maioria desses artistas saiu daqui (da UFMG). Sabemos que chega um ponto em que as obras viram cadáveres, que não há condições de recuperação, mas sempre tentamos", Mário Sousa Júnior esclarece que, no caso específico desses painéis, há obras mais complicadas, com perdas grandes (estão em pior estado de Petrónio Bax e de Jarbas Juarez), "mas é possível fazer o trabalho", assegura o especialista.

Sua opinião é compartilhada por Petrónio Bax, que não vê problemas na restauração de seu painel, instalado em escola do Parque Vera Cruz, "até porque, se não fosse assim, não teríamos como ver obras antigas em museus". Para Bax, se o restaurador é competente, não há problemas. "Não tomei conhecimento do estado de minha pintura, porque me aborrece ver o descaso, a falta de cuidado".

Já Jarbas Juarez teve a oportunidade de rever sua obra, no bairro Nazaré, e não gostou: "Não tem mais Jarbas Juarez ali, tiraram minha assinatura, repintaram por cima, uma pessoa tentou desenhar sobre ela. Não há como restaurar. Nem eu quero repintá-lo. Não deveriam gastar dinheiro com isso. A prefeitura



Painel criado pelo artista plástico Petrónio Bax, em 1976, instalado na Escola Municipal Israel Pinheiro, no bairro Alto Vera Cruz, que deverá ser restaurado por equipe do Cecor

deveria mandar fazer outros painéis menores, de 2m x 1,80m, que coubessem dentro de salas de aula. Não devem restaurar obra de artista vivo. Se quiserem fazer isso, vou brigar", garante.

**TROFÉU DE GUERRA** Eduardo de Paula é categórico em sua posição, contrária ao restauro de sua pintura, instalada no Colégio Marconi: "Podemos fazer uma mostra reunindo tudo como troféu de guerra. Seria um testemunho do que podem fazer com a obra de arte no Brasil. Não sei se a maioria pensa como eu, o que Yara Tupynambá fez (a artista conseguiu, ano passado, a devolução da obra pelo prefeito Fernando Pimentel e colocou fogo no painel, conservando apenas uma parte como lembrança) foi uma forma de protesto, mas penso que, com a exposição, poderíamos mostrar que estão abusando da arte e da cultura neste País".

Depois de propor a mostra em tom irônico, o artista sugere que os R\$ 250 mil sejam usados na merenda escolar e sentencia: "Arte não é coisa que se possa fa-

zer, desmanchar e refazer com tanta facilidade". Para Eduardo de Paula, é problema, também, o fato de os artistas não terem recebido algo próximo ao valor gasto no restauro para criar as obras, em 1976. "Não é brincadeira, isso é dinheiro público e isso me incomoda".

**OBRA SOCIAL** "Não quero que restaurem meu painel, ninguém vai fazer meu trabalho. Prefiro fazer outro, pois eu mesma já mudei muito e não faria mais o mesmo", avisa Sara Ávila, para quem as obras dos artistas que já morreram e integram o projeto (Arlinda Correia Lima, Álvaro Apocalypse, Inimá de Paula e Terezinha Veloso) devem ser restauradas. A artista lembra que, na época do projeto, sua proposta era fazer o trabalho junto com a comunidade. "Se todo mundo se reconhece no trabalho, se a obra conta a história do lugar, todos vão tentar preservá-la. Hoje, pude perceber que a comunidade do bairro Califórnia, onde está meu painel, gosta de grafites, pelo menos es-

sa é a característica predominante no lugar, hoje."

Triste com o descaso com sua obra, Sara Ávila faz questão de dizer que esteve na escola em 1996, como convidada para falar sobre seu trabalho e que, até então, o painel estava sendo bem-cuidado. "Depois disso, ele foi lavado, molhado, esfarinhado em várias partes", afirma. A artista defende que o dinheiro do restauro seja usado para socorrer hospitais, comprar remédios, atender a asilos, creches ou até mesmo, como sugere Eduardo de Paula, em merenda escolar, "desde que tudo seja comprovado através de ação pública e que se saiba onde a verba foi empregada. Disso tudo, fica para nós artistas uma lição: quando formos atender a uma encomenda, temos que saber se ela será cuidada, pois criar nos custa muito trabalho físico e mental. O que está acontecendo é a cara do Brasil, onde os monumentos são roubados e depredados, onde impera o descaso e é latente o mau gasto do dinheiro público".

## LIVRO

## Panorama das aves nacionais

CARLOS HERCULANO LOPES

Pequena, mas significativa amostra do imenso e deslumbrante universo das aves brasileiras, traduzido em mais de 1,7 mil espécies espalhadas por todo o País, pode ser conferida pelos amantes da ornitologia no recém-lançado *Maravilhas do Brasil, aves*, que acaba de chegar às livrarias. Cerca de 75 espécies, que vivem entre a mata atlântica, a floresta Amazônica e o cerrado, foram fotografadas pelo paulistano Fábio Colombini, que inclui na publicação breves informações a respeito de cada ave, como nome científico, habitat etc., fornecidas pela professora da USP e bióloga Martha Argel. "Fotografei essas aves em épocas e locais diferentes como jardins zoológicos, criatórios particulares, e também em seus habitat, como matas e cerrados", conta Colombini, que é formado em arquitetura e, desde 1988, vem se dedicando a retratar fauna, flora e paisagens brasileiras.

Como o objetivo do livro, que vem em edição bilingüe, português/inglês, não foi de fazer um catálogo, mas dar um panorama das aves nacionais, o autor ficou à vontade para fazer o seu trabalho, privilegiando algumas das suas favoritas. Sendo assim, retratou, desde a maravilhosa e quase extinta arara-azul, ao modesto e ainda comum tico-tico do Brasil. E ainda mostrou o exótico urubu-rei, o picapau, várias espécies de araras, gaviões e beija-flores, a juviara, saíra, sanhaço, e outros "É um livro mais fotográfico do que propriamente informativo", diz Fábio Colombini, autor, ainda, de *Pantanal cores e sentimentos*, *Brasil e Goiás cores e sentimentos*, e *Brasil retratos poéticos*.

**MARAVILHAS DO BRASIL**  
Livro fotográfico sobre aves, de Fábio Colombini. Editora Escrituras, 120 páginas, R\$ 49,90.

FÁBIO COLOMBINI



Ameaçada de extinção, Marianinha data do Descobrimento



MARCOS MICHELIN

## Cecor garante que restauro é possível

O restaurador do Cecor Mário Sousa Júnior, que também é professor de restauração de arte moderna e contemporânea da Escola de Belas Artes, afirma que, no caso da obra de Eduardo de Paula, por exemplo, "há problemas com a colocação no suporte. Ele pintou em tecido e se formaram rugas na instalação, há alguns escorrimentos, mas entre todos os painéis é o que está melhor. Está muito sujo, mas não é difícil de ser recuperado". Até nos casos mais graves, em que há buracos no suporte das obras, Mário assegura que a recomposição pode ser feita.

"Valorizamos o original do artista, nunca colocamos algo que não esteja lá", esclarece. Surpreso com a atitude de Yara Tupynambá, "que foi diretora da Escola de Belas Artes na época de criação do Cecor pela professora Beatriz Coelho", o professor acredita que a postura radical da artista, ao colocar fogo no painel, "seja uma questão política, de protesto. Ficamos sem saber o que pensar, já que o trabalho dela, como os outros, poderia ser restaurado".

Mário Sousa Júnior, que este-

ve nas escolas da rede pública municipal antes de serem feitos o laudo e o orçamento de restauro das obras, ano passado, conta que a comunidade, em muitos casos, defende que as obras sejam transferidas para museus ou outros locais. Daí a proposta do Cecor de que a restauração envolva a educação patrimonial, para que as pessoas vejam a importância de cuidar do patrimônio.

Para ele, a presença dos artistas seria bem-vinda em palestras educativas, mas não no processo de restauração, "que deve ficar a cargo exclusivamente dos restauradores". Segundo Mário, à exceção dos painéis de Jarbas Juarez e Petrónio Bax, os demais estão íntegros, "não faltam grandes lacunas de suporte de camada pictórica".

De acordo com o restaurador do Cecor, o trabalho de restauração dos 11 painéis do projeto e outro de artista anônimo, que está na Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, no bairro Ipiranga, deverá ser feito em um ano. O presidente da Fundação Municipal de Cultura, Rodrigo Barroso, prevê o início da restauração para agosto próximo.

“

Podemos fazer uma mostra reunindo tudo como troféu de guerra. Seria um testemunho do que podem fazer com a obra de arte no Brasil

”

■ Eduardo de Paula, artista plástico